

Práticas sociais e religiosas entre os homens de cor de Cachoeira no Século XIX: um estudo sobre a irmandade do Bom Jesus da Paciência.

Rodrigo do Nascimento Amorim¹
digaonasamorim@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo a seguir tem como foco principal um estudo acerca da Irmandade do Bom Jesus da Paciência, localizada na cidade de Cachoeira no Convento do Carmo, assim como existiam outras irmandades no mesmo local e na cidade, como a Irmandade do Senhor dos Martírios, de São Benedicto, de Nossa Senhora d'Ajuda e etc. Iniciaremos como um panorama social e econômico da cidade de Cachoeira a fim de compreender o ambiente que essas irmandades estavam inseridas. Mais adiante e especificamente pretendo analisar as práticas sociais, suas normas, festas, procissões que faziam parte do cotidiano dessa instituição. Temos a intenção também, de identificar quem eram esses irmãos que a frequentavam com o objetivo de observar sua relação com a Irmandade e também com a sociedade. Conteí nesse momento com a disponibilidade e atenção da professora Lucilene Reginaldo que nos cedeu a cópia digitalizada do compromisso da Irmandade do Bom Jesus da Paciência, do ano de 1853. Sobre tais irmandades, especificamente sobre a Irmandade do senhor Bom Jesus da Paciência existe um rico acervo de peças documentais depositados em arquivos de Cachoeira (Arquivo Regional de Cachoeira) e Salvador (Arquivo Público do Estado da Bahia, Arquivo da Cúria), que consistem em inventários e testamentos post mortem, compromisso, livro de receita e despesa, livros de ata, entre outros. Contamos, também, com o farto material bibliográfico sobre tema, que nos possibilitará um melhor entendimento acerca do tema.

Introdução

As irmandades religiosas ou confrarias eram instituições bastante importantes no meio social no Recôncavo açucareiro e fumageiro. Eram subdivididas em Ordens Religiosas e as próprias irmandades. Não foi uma criação típica da América Portuguesa, pois já existiam em Portugal desde o século XIII, e tinham o objetivo de executar obras de caridades voltadas para os membros e para os mais carentes que não estavam

associados. Segundo Caio Boschi essas instituições funcionaram como fator importante de evangelizar os negros, aqui se tratando as irmandades de cor, e manter esse contingente sobre as rédeas da Igreja e do Estado.

No século XIX em Cachoeira, assim como ocorreu na maior parte do Brasil, era comum a existência de várias Irmandades, sejam elas negras (de cor) ou de brancos. As irmandades eram instituições religiosas católicas implantadas desde início da colonização portuguesa no Brasil que seguiam o modelo das instituições classes medievais europeias, que cultuavam a um santo de devoção. Além de sua função religiosa, as irmandades tinham função assistencial, oferecendo a seus membros ajudas em casos de doenças, enterro digno, ajuda para pagamento de dívidas e até mesmo para pagamentos de alforrias dos membros que ainda estavam em regime da escravidão. A sua criação no Brasil era livre e dependia da reunião de um grupo de devotos, que elaboravam um compromisso, ou estatuto, que era aprovado pela Igreja e o estado.

As irmandades eram separadas por estratos e, ou categorias sociais, e no Brasil, eram separadas também por grupos étnicos, quando formadas por pessoas de “cor”. Nesse caso, elas tinham em seus compromissos critérios de admissão de associados. Um deles era a de pertencer a um determinado grupo étnico, quando formado por africanos, ou pertencer a uma determinada categoria social e pureza racial, quando formada por brancos. Assim, africanos angolas, nagôs, jêjes criaram suas instituições limitando - as a outros africanos, haja vista que algumas delas admitiam associados de outras “nações” mediante pesadas contribuições e restrição na participação da sua Mesa Administrativa, como era o caso da irmandade da Paciência. É preciso, portanto, entender a região onde essas irmandades estavam inseridas, o Recôncavo Baiano e a vila de Cachoeira, como verão a seguir.

Antes de Nova York existir, Cachoeira já era metrópole²

A região do Recôncavo Baiano está localizada ao redor da Baía de Todos os Santos e segundo Kátia Mattoso corresponde a uma orla de quase trezentos quilômetros, onde as suas vias de comunicação se dão através dos pequenos rios que se lançam na Baía³. A vila de Cachoeira surge então através da importância que o seu porto, onde se encontra o rio Paraguaçu, obteve como entreposto comercial e de transição de pessoas e animais entre as regiões do próprio Recôncavo, o sertão e a cidade da Bahia, como era chamada Salvador.

especiarias. A cidade de Cachoeira e região ainda foi favorecida pela revolta escrava que houve no Haiti, pois essa região era forte concorrente do açúcar que era produzido e exportado do Recôncavo. Com a rebeldia dos escravos que faziam parte da força de trabalho a produção foi afetada de tal maneira a prejudicar seus senhores e a produção, sendo assim, Cachoeira não teria mais com quem concorrer tornando – se a principal cidade a exportar o açúcar⁷.

A presença do fumo, esse na zona oeste de Cachoeira, na tentativa de diversificação dos produtos agrícolas durante o século XVII, possibilitou a cidade uma maior dinâmica de seu porto, haja vista que a região possuía um solo adequado para o cultivo e o fumo era um produto que tendia a maior participação de uma população mais pobre, o que não significa pensar que era uma economia pobre, pois a maior participação nas lavouras do fumo era de cativos, o que significa que os proprietários dispunham desse contingente para exercer tais funções.

O fumo então possibilita ao Recôncavo, e principalmente a Cachoeira, certo desenvolvimento em relação as outras vilas e a vinda de cada vez mais cativos, pois como afirma João Reis, o fumo Baiano era comumente trocado por escravos. Em 1814, o próprio autor diz que havia segundo as estimativas cerca de 40.800 escravos no Recôncavo Baiano⁸.

A grandiosidade é perceptível quando partimos para a análise dos engenhos. No Iguape, em 1835, havia 21 engenhos subdivido entre moentes e correntes, ou seja, aqueles que funcionavam com a força humana ou animais e os correntes com a força d'água. A força de trabalho chegava a um número espantoso, cerca de 123 escravos, sendo esses engenhos considerados os maiores da Bahia e do Brasil. Importancia também demonstrada em épocas de dificuldades. Em dois momentos a cidade de cachoeira funcionou como sede da província da Bahia, em 1822, quando teve participação efetiva e essencial na guerra de independência e em 1837 durante a revolta da Sabinada.

As Irmandades de cor

As irmandades sejam elas de negros, de brancos, ou relacionada a algum tipo de profissão tinham como objetivo principal a ajuda mútua dos associados. Além de vários

outros objetivos, o que estava acima de todos os outros, mesmo que implicitamente era a solidariedade para com os irmãos. Esses elementos já poderiam ser observados nos compromissos, uma espécie de estatuto que servia de alicerce para que os irmãos pudessem se guiar através dele. Nesse documento estariam estabelecidas as regras básicas que deveriam ser cumpridas com devido rigor, sendo presidido pela mesa, que era formada pelos juízes, provedores, os escrivães e os tesoureiros, que por sua vez eram escolhidos através de votações⁹.

Vários são os estudos realizados sobre irmandades negras a procura de entender como tal instituição funcionava em um ambiente onde tinha fatores suficientes contra os membros que delas participavam. Alguns autores buscam em seus estudos uma análise sobre a funcionalidade da instituição, acerca dos membros que faziam parte, dos possíveis conflitos existentes com as demais irmandades localizadas em uma mesma região.

É preciso saber que as Irmandades de Negros funcionavam também, e principalmente, como uma instituição que tinha como premissa a afirmação social dos associados, ou seja, era importante que os irmãos pudessem se estabelecer em um ambiente no qual não era propício as suas convicções, como aponta a historiadora Julita Scarano, quando afirma que as Irmandades funcionavam como centro de encontro da população local, para que assim fosse possível atender os seus interesses e discutir sobre os seus objetivos como instituição¹⁰.

A Irmandade da Paciência

Partimos agora para uma análise a cerca de nosso objeto de estudo a Irmandade do Bom Jesus da Paciência. Através do seu compromisso, de 1853, podemos observar sobre suas normas, festas dentre outros aspectos que iremos discutir nesse momento. A Irmandade era composta e formada por crioulos, ou seja, negros que eram nascidos no Brasil. Funcionou inicialmente no Convento do Carmo, ao lado de outras irmandades como a de Nosso Senhor dos Martírios, composta por africanos Jejes. Na cidade ainda havia outras irmandades como a Irmandade da Boa Morte, Irmandade de São Benedito entre outras. Anos depois foi transferida para a Igreja do Rosarinho ou do Sagrado Coração de Maria, onde até os dias atuais possui um altar.

Sobre o Convento do Carmo, onde a Irmandade surgiu, é importante ressaltar que funcionou inicialmente como um hospício ou recolhimento dos Carmelitas que chegavam a cidade e tinham a missão de evangelizar os nativos(índios). Essa instituição foi importante para o “repaginamento” geográfico da cidade, pois a maneira em que se deslocavam para o seu interior surgiam novos polos de povoamentos, assim como aconteceu com o distrito de capoeirussú. Seu terreno foi doado pela família Adorno. Essas terras que foram doadas pelo “El Rey” tinham como objetivo de que essa família pudesse expulsar e conter as diversas revoltas indígenas¹¹ que atormentavam a região¹².

Voltando a Irmandade da Paciência, através de análise do compromisso percebemos que, seguindo as restrições, onde somente crioulos eram aceitos, era preciso dar de entrada uma quantia de “dois mil reis”, e anualmente uma quantia de “trezentos e sessenta mil reis”. Dois mil reis, por exemplo, correspondia a “huma arca de bom tamanho velha” que consta no inventário de um irmão, Manoel da Silva Soledade¹³. Os registros desses irmãos ficavam segundo o próprio compromisso em um livro de entrada, que infelizmente não tivemos acesso até o momento. A única restrição no momento da entrada era a idade. Maiores de 50 anos tinham um privilégio, pagando somente “seis mil reis” de entrada e “quatro centos reis” anuais, mas querendo ser enterrado pela Irmandade dará a quantia de “vinte e cinco mil reis”. O direito ao enterro no qual as irmandades proporcionava era algo que fazia muitos indivíduos fazer parte dessas instituições. Como a perspectiva de vida geralmente não era algo que durasse talvez tenha sido esse o motivo de pessoas acima de 50 anos pagar uma taxa a parte.

Um dado importante que o compromisso nos mostra é a participação das mulheres. Nele consta que farão parte da mesa administrativa “oito mordomas”, “duas subprocuradoras e huma procuradora”. De fato é algo que chama atenção, de 20 pessoas que faziam parte, 11 seriam mulheres. A participação de mulheres nas irmandades era vista como um fator importante para facilitar o relacionamento com os homens. Em alguns compromissos, segundo a historiografia sobre as irmandades, alguns autores afirmam que a entrada de mulheres nas confrarias era de certa maneira facilitada, justamente com tal objetivo. Para fazer parte de algum cargo importante, era preciso além de ser crioulo, ter influencia e prestígio na sociedade, alias para ser irmão era necessário também ser bem visto socialmente, e além desses aspectos era necessário ter uma estabilidade financeira, pois as quantias que pagavam para ser presidente ou vice eram altas, haja vista que era o cargo mais importante da Irmandade.

O momento em que havia maior mobilização dos irmãos era na procissão onde deveria ser realizada na quarta feira de cinzas em homenagem ao “Nosso Senhor”. Nesse dia a mesa deveria se reunir para tomar partido das condições financeira da confraria e se preparar para esse grande momento. Papel fundamental nessa ocasião era o tesoureiro que deveria averiguar o cofre da Irmandade para garantir os gastos da procissão. No livro de receita e despesa temos um nome bastante influente como tesoureiro da Irmandade, o senhor José Pedro da Silveira. Ele era descendente de José Antônio Fiusa da Silveira, um homem bastante influente na cidade de Cachoeira.

A família Silveira é oriunda de São Gonçalo dos Campos e Conceição da Feira e era proprietária da fazenda Cajazeira, de Conceição. Essa fazenda vinha até Boa vista, perto de Capoeiruçu e eles eram uma família de negros, mas muito ricas. Em Cachoeira, eles eram donos de terras, e ainda hoje é dona de terras em Capoeiruçu e Boa Vista. Foram proprietários de escravos, artistas (marceneiros, alfaiates) e ligados ao Montepio dos Artistas, cachoeiranos, sociedades abolicionistas, irmandades e candomblé¹⁴.

Um último documento até agora encontrado trata de uma ata onde foi discutida a postura de um senhor chamado Ámeo José de Oliveira Sampaio, onde o mesmo era chamado de ditador pelos outros irmãos que pediam intervenção das autoridades eclesiástica, pois esse indivíduo não havia respeitado as últimas eleições. Esse documento permite analisar e perceber que nem tudo dentro da instituição eram “flores”, ou seja, havia conflitos internos e complexos. Porém o que mais chama atenção nesse documento é o pedido de movimentos espirituais dentro da Irmandade. Entendo que tais movimentos espirituais esta vinculado ao candomblé, pois Nicolau Parés nos diz que “as associações de caráter religioso, nas suas congregações e rituais, providenciaram formas institucionais para reforçar esse sentimento de comunalismo e de identificação coletiva”, em outro momento ele nos diz ainda que “é nessas instituições sociais que geram os processos de inclusão e exclusão, e é nesses relacionamentos associativos eu a identidade étnica pode expressar – se com maior clareza” (PARÉS, 2007, págs.79-81). Como vimos mais acima sobre José Pedro da Silveira vimos que ele era um participante do culto afro – brasileiro algo que reforça ainda mais tal vínculo.

Considerações finais

As irmandades de negros, que surgem como aparato de controle do Estado e da Igreja vai se moldando de acordo com os seus respectivos membros e regiões em instituições que vão além da questão religiosa e da devoção a um santo específico. Em Cachoeira no século XIX elas surgiram a partir do momento em que a economia baseada no açúcar e posteriormente os vastos campos de fumo vinha florescendo. Essa conjuntura fez da região do Recôncavo, e especialmente da cidade de cachoeira, importante no cenário político – econômico da América Portuguesa e ambiente necessário para que fossem enviados cada vez mais escravos para região.

A Irmandade do Bom Jesus da Paciência foi fundada pelos descendentes desses indivíduos que aqui chegaram os chamados crioulos. Por conviverem da mesma maneira que esses grupos acabaram por assimilar seus costumes e suas crenças, mas existiam alguns deles que vimos na historiografia que preferiam ou escolhiam o lado de seus senhores, e lógico havia muitos conflitos.

É através dessa conjuntura que buscamos analisar inicialmente o aspecto econômico – social da região do recôncavo com a intenção de compreender o local onde a Irmandade iria surgir e seus indivíduos permanecer. E por fim foi possível observar a instituição em si, suas normas, festas, procissões. Foi preciso também levar em conta os irmãos associados da Irmandade, que por sua vez vinha com a intenção de ter conhecimento sobre essas pessoas em relação a própria Irmandade e a sociedade a fim de ter uma melhor percepção sobre o todo, entenda – se corporação e associados.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal da Bahia.

² Esta é uma frase que é comum no cotidiano da população Cachoeirana para exaltar a importância da cidade em diversos momentos de sua história, como a participação essencial na independência da Bahia e do Brasil.

³ MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX. Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. Pág. 51

⁴ BARICKMAN, Bert J. *E se a Casa-Grande não fosse tão grande? Uma freguesia açucareira do Recôncavo Baiano em 1835*. Revista Eletrônica *Afro - Ásia* – UFBA. Vol. 29-30. 2003. Págs. 79-132. Pág. 86

⁵ Mapa Hidrográfico da Bahia de Todos os Santos.

⁶ MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX. Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. Pág. 54

⁷ REIS, João Recôncavo Rebelde *Recôncavo Rebelde: Revoltas escravas nos Engenhos Baianos*. 1990. Pág. 100

⁸ Idem, Pág. 100

⁹ Para saber mais sobre compromissos vê Reis, João José. Identidade e Diversidade étnicas nas Irmandades Negras no tempo da escravidão pp.4, e Reginaldo, Lucilene. Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista. Campinas, São Paulo. 2005.pp.73 e FARIAS, Sara Oliveira. Irmãos de cor, de caridade e de crença. A irmandade do Rosário do Pelourinho na Bahia. Séc. XIX, pp.22 e Reis, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo. Companhia das letras, 1991. Capítulo 04.

¹⁰ SACARANO, Julita. Devoção e escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. Pág. 02

¹¹ APUD, NASCIMENTO, Luiz Cláudio. Bitedô... Segundo Capistrano de Abreu, referindo-se ao século XVII, em torno do Paraguaçu reuniram-se tribos ousadas e valentes, aparentadas aos aimoré convertidos no princípio do século, que invadiram o distrito de Capanema [em Maragogipe], trucidaram os moradores e vaqueiros do Aporá, e avançaram até Itapororocas [Feira de Santana]”. Adiante, diz o autor: “ Com este malogro não admira se repetissem as incursões de tapuia, a ponto de a 4 de março de 1669 ser-lhes declarada guerra e outra vez convidados paulistas para fazê-la. Entre os paulistas citados por Capistrano de Abreu consta os nomes de Domingos Jorge Velho, que participou da destruição do quilombo de Palmares, em Alagoas, Brás Rodrigues de Arzão e Estevão Ribeiro Parente. Segundo Capistrano de Abreu, Estevão Ribeiro foi o conquistador da aldeia de Massacará, onde foi criada a vila de João Amaro, que era o nome de seu filho, no atual município de Iaçú. Foi nessa circunstância que surgiram as figuras dos irmãos adorno como conquistadores de Cachoeira. Cf. Abreu. J. op. cit, pág. 127.

¹² Sobre o Convento do Carmo ver: CALDERÓN, Valentin. **O Convento e a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira**. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. 1976.

¹³ ARC, documento avulsos.

¹⁴ Agradeço ao historiador Luiz Cláudio Nascimento que me relatou sobre a importância dessa família em comunicação pessoal.